

A Inteligência Artificial generativa como ferramenta contemporânea de subversão

Generative Artificial Intelligence as a contemporary tool for subversion

Laís Miguel Lacerda¹
Regilene Ap. Sarzi Ribeiro²

Resumo

Este artigo investiga o uso da Inteligência Artificial como ferramenta contemporânea de subversão estética e política na criação de novas narrativas sobre o corpo feminino. A partir de uma abordagem crítica e interseccional, a pesquisa dialoga com teorias feministas, estudos decoloniais e epistemologias tecnológicas. O estudo toma como referência as produções artísticas de Mayara Ferrão, analisando como suas obras tensionam estruturas normativas e propõem novas formas de representação. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem descritiva, que articula análises teóricas e de obras de arte, com aportes teóricos da Filosofia da Tecnologia e da Tecnodiversidade, com base em Butler (1990), Haraway (2000) e Hui (2020). É possível concluir que essas práticas apontam para novos paradigmas na arte, tecnologia e sociedade com a reconfiguração de imaginários e conceitos promovendo deslocamentos críticos que desafiam desigualdades estruturais e ampliam o campo das narrativas possíveis.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; corpos femininos; teoria decolonial; gênero e tecnologia; Mayara Ferrão;

Abstract

This article investigates the use of Artificial Intelligence as a contemporary tool for aesthetic and political subversion in the creation of new narratives about the female body. From a critical and intersectional approach, the research engages with feminist theories, decolonial studies, and technological epistemologies. The study takes as its reference the artistic productions of Mayara Ferrão, analyzing how her works challenge normative structures and propose new forms of representation. Methodologically, it is a qualitative, descriptive research study that articulates theoretical analyses and analyses of works of art, with theoretical contributions from the Philosophy of Technology and Technodiversity, based on Butler (1990), Haraway (2000) and Hui (2020). It is possible to conclude that these practices point to new paradigms in art, technology, and society, with the reconfiguration of imaginaries and concepts promoting critical shifts that challenge structural inequalities and broaden the field of possible narratives.

Keywords: Artificial Intelligence; female bodies; decolonial theory; gender and technology; Mayara Ferrão.

¹ Laís Lacerda é Mestre em Mídia e Tecnologia pelo programa PPGMIT, da UNESP-Bauru, formada em Artes Visuais pela FAAC da UNESP – Bauru, atualmente é doutoranda em Mídia e Tecnologia pelo PPGMiT da UNESP – Bauru e Educadora em Tecnologias e Artes no Sesc Araraquara.

² Pós-doutora em Poéticas e Culturas nas Humanidades Digitais pela UFG (2022) e Pós-doutora em Artes pelo IA/UNESP (2013). Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP (2012). Docente RDIDP da FAAC UNESP. Coordenadora do PPG em Mídia e Tecnologia - MP (Quadriênio 2021-2025) e Vice-coordenadora do PPGMIT (2025-2029). Líder do Grupo de Pesquisa labIMAGEM - Laboratório de Estudos da Imagem (CNPq). regilene.sarzi@unesp.br. ORCID 0000-0001-6267-6549

Introdução

O presente artigo introduz uma interpretação atualizada da iconografia e da produção artística contemporânea brasileira, por meio da arte produzida com mídias e tecnologias, empregadas pelas artistas que se utilizam dessas ferramentas contemporâneas e tem como base corpos femininos como veículo político em suas obras. Entre as produções contemporâneas é possível destacar o trabalho de Mayara Ferrão (1993 -) e sua potencialidade, que escancara por meio de imagens que criam afetos, reescrevem imaginários e narrativas, os eixos centrais dessa pesquisa que irá interseccionar gênero, sexualidade, feminismo negro e tecnologias. É por meio das obras da artista que se torna possível tecer novos pontos de vista a partir de imagens criadas por meio de Inteligência Artificial generativa, despertando debates contemporâneos acerca dos usos críticos da tecnologia, e como ferramentas tecnológicas digitais podem ser reapropriadas como dispositivos de criação de narrativas, imaginários, modificando estruturas e tornando visível histórias silenciadas.

O tema deste artigo, portanto, investiga o uso da Inteligência Artificial generativa como ferramenta contemporânea de subversão estética e política na criação de novas narrativas sobre o corpo feminino. A partir de uma abordagem crítica e interseccional, a pesquisa dialoga com teorias feministas, estudos decoloniais e epistemologias tecnológicas.

A pesquisa se torna pertinente na medida em que toma como premissa a análise de obras de arte que fazem o uso crítico de tecnologias atuais como ferramenta de subversão de estruturas de opressão já estabelecidas socialmente, propondo outros usos para a construção de narrativas plurais e inclusivas, ressaltando a visibilidade de minorias, a criação de cenas que contam outra história, revolucionando o que historicamente é destinado para determinadas pessoas.

Cabe ainda destacar que objetivo deste artigo é investigar de que maneira a Inteligência Artificial generativa pode ser uma ferramenta de subversão estética e política na criação de novas narrativas sobre o corpo feminino, revelando e reinscrevendo histórias silenciadas pelas estruturas de poder.

É possível compreender como práticas artísticas contemporâneas articulam tecnologias emergentes e epistemologias críticas, promovendo deslocamentos nos regimes tradicionais de representação que apontam para o papel do artista neste contexto, como afirma Sarzi-Ribeiro e Bressanin:

[...] o artista continua sendo o sujeito provocador da experiência e da consciência criativa, na medida em que opera instigando o deslocamento da tecnologia de suas funções prévias para outras finalidades, outras miradas. (Sarzi-Ribeiro e Bressanin, 2023, p. 158).

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem descritiva, baseada em revisão bibliográfica e análise de obras artísticas. O estudo articula contribuições da filosofia da tecnologia, dos estudos feministas e da teoria decolonial, dialogando principalmente com Judith Butler (1990), Donna Haraway (2000), Paul B. Preciado (2018), Yuk Hui (2020) e Silvia Federici (2017).

Ao longo do artigo, discute-se inicialmente a relação direta dos corpos com dispositivos de poder (Foucault, 1975), onde o corpo constitui um território central das relações de poder, essa visão se torna intensificada e as relações estruturais e de silenciamento ainda mais evidentes são corpos femininos e negros. As narrativas e as lacunas não são por acaso, são vinculadas ao que era destinado para esses corpos. Em um segundo eixo o artigo discorre sobre Teorias de filosofia da tecnologia e tecnodiversidade relacionadas à gênero, com base em Butler (1990), Haraway (2000) e Noble (2018) e a subjetividade das imagens na contemporaneidade digital com Manovich, 2001), McLuhan (1964), Lisa Parks e Janet Wasko (2011), Chun (2016), Braidotti (2013). Como encerramento, analisaremos obras da artista Mayara Ferrão (1993 -) e em seguida, analisa-se o papel da Inteligência Artificial generativa nas transformações contemporâneas da imagem e da subjetividade dentro de um recorte teórico do feminismo negro, com Bell Hooks (2021), Grada Kilomba (2019) e Lélia Gonzalez (1984). As produções de Mayara Ferrão se tornam exemplos de subversão estética mediada por tecnologias algorítmicas. A artista utiliza a tecnologia para subverter os estereótipos e recriar afetos, imaginários e um passado que nos diz sobre o hoje e o desejo do amanhã. Por fim, reflete-se sobre os novos paradigmas sociais e artísticos produzidos pela convergência entre arte, tecnologia e crítica feminista.

O artigo propõe um convite para refletir sobre essas artistas e as imagens por elas criadas com ferramentas de IA generativa, e a partir daí a possibilidade de pensar em outros corpos, realidades e vivências, questionando os conceitos enraizados que limitam, em uma sociedade midiática atravessada pelas tecnologias, o papel social da arte e seus desdobramentos.

Corpos femininos, tecnologias e as estruturas de poder

A relação entre corpo, gênero e tecnologia no contexto da Inteligência Artificial generativa, compõe um campo teórico atravessado por disputas epistemológicas, políticas e simbólicas. É importante ressaltar que as tecnologias digitais são dispositivos de poder que evidenciam estereótipos, organizam visibilidades, normatividades e a subjetividade das imagens. Dessa forma, relacionar os corpos femininos com as tecnologias implica entender como estruturas históricas de gênero, raça e classe são reproduzidas e legitimadas dentro do ambiente digital contemporâneo.

Dentro dessas narrativas, é importante um olhar inicial para os corpos constituídos historicamente para compreender como eles foram estruturalmente definidos como territórios centrais das relações de poder. Com o pensamento voltado para compreensão e reflexão sobre os corpos em uma sociedade dominada pelo conhecimento científico e hegemônico, que inclusive agora sabemos ser estrutural e colonizador, os livros *Vigiar e Punir* (1975), *História da sexualidade* (1976) e *A ordem do discurso* (1971) de Michael Foucault, trazem como representações, um sistema complexo de análise de práticas de controle do corpo, sobre as quais começou-se a se tomar consciência nos períodos do pós guerra, entre 1950 e 1973. Atuações punitivas aplicadas de maneira estrutural e histórica na sociedade foram analisadas por Foucault, assim como relações entre a sexualidade e o controle do corpo, que evocam os debates sobre o tema a partir de 1960.

O corpo é diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. (Foucault, 1987, p. 29).

O corpo desde então, se torna um espaço de reflexão e se perpetua como tal até os dias atuais. Ainda em relação às referências apresentadas, Foucault evidencia como

os conhecimentos e as práticas sociais não apenas interpretam a realidade, mas também participam ativamente de sua construção. Dentro desse pensamento é possível estabelecer relações com as obras que serão analisadas, uma vez que, quando aplicada ao campo da visualidade, essa perspectiva demonstra que as imagens não são neutras, mas funcionam como mecanismos de poder, estabelecendo o que pode ou não ser visto, validando narrativas enquanto marginalizam e silenciam outras, estabelecendo hierarquias, invisibilizando histórias e centralizando narrativas.

A potência do trabalho de Mayara Ferrão surge e pode ser compreendido, quando percebemos os atravessamentos da subversão ao silenciamento histórico imagético que ela propõe, indo além do preenchimento de lacunas históricas para recriar memórias coletivas e imaginários de corpos que transbordam afeto entre si.

Ainda conceitualizando Foucault, os contextos sociais e culturais nos quais o corpo está inserido são impressos nele mesmo. A origem dessa relação entre o corpo e o social e o cultural é o que referência e marca os corpos, repercutem e se conectam a relações de poder e saber. Como é o contexto abordado nas obras de Mayara Ferrão, onde se encontram corpos marcados por um histórico de violências extremas e, que ao longo da história foram silenciados, mas essas feridas repercutem e são presentes até hoje. Cada ser humano traz consigo em seus corpos elementos convergentes da complexidade de fatores históricos, das marcas do passado, “cicatrices” que se manifestam:

Sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (Foucault, 2010, p. 22).

O corpo, partindo dos eixos teóricos estudados, se torna caminho, percurso para o sujeito, constituído através dessas relações entre o poder e saber que o constroem e, quando esses corpos sofrem o apagamento histórico, essas relações evidenciam esse apagamento e, toda a construção possível é afetada. Dentro desses processos, essas relações são compreendidas como instrumentos sociais, é possível abordar ações e reproduções que os corpos sofrem em instituições que contém técnicas de poder, além das estruturas sociais impostas historicamente.

Os corpos, principalmente os que vemos nas obras de Mayara Ferrão, mulheres negras se relacionando, em intimidade, são novas construções que reconstróem esse apagamento. São corpos criados pela inteligência artificial generativa, com base em imagens existentes de um passado marcado pela ausência. Essa ausência é o diálogo presente que constrói possibilidades de futuros.

A filósofa Judith Butler (1993) conceitua o corpo como o que há de mais presente, mais palpável e, ao abordar a corporalidade do sujeito, afirma que a performatividade, enquanto prática discursiva contínua, é o elemento responsável por tornar cada pessoa socialmente compreensível. Para Butler, essa materialização dos corpos é uma das consequências produtivas do poder, dado que a materialização de cada ser humano é definida e imposta a partir de uma matriz hegemônica excludente: o domínio de cada indivíduo é estabelecido pelo que se encontra também fora das demarcações impostas.

Os corpos dentro dessas imposições, restringidos a esse domínio e às estruturas sociais de poder são vistos como perceptíveis e compreensíveis de serem interpretados. Os corpos que vão contra essas imposições são concebidos à margem, excluídos, desumanizados e colocados do lado de fora do meio social e cultural em que vivem, não tem sua existência reconhecida. Abrangendo gênero e sexualidade, áreas que também atravessam as obras de Mayara Ferrão, Butler, denomina de “corpos abjetos” (Butler, 2003, p.17), os corpos de indivíduos que vão além desse sistema imposto.

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (Butler, 2003, p. 194).

Butler ressalta que o termo “abjeto”, “não se restringe de modo algum a sexo e a heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas” e cuja materialidade é entendida como não importante “(Pris e Meijer, 2002, p. 161). Em outras escritas, Butler conceitua que os corpos abjetos não se encaixam, não sendo adequadamente gentrificados, e dentro de configurações sociais “é sua própria humanidade que se torna questionada” (Butler, 2001, p. 161).

Dentro das reflexões acerca dos corpos e do trabalho de Mayara Ferrão, onde os corpos femininos negros são o centro da imagem, o corpo que reconfigura narrativas se torna um território poético, que carrega memórias coletivas e vai contra a lógica racista e as feridas coloniais. Tensiona relações partindo de sua estética, projetando um futuro bonito, respeitoso e diverso, dentro de um presente possível por meio de imagens geradas por Inteligência artificial generativa.

A discussão sobre gênero torna-se indispensável para o entendimento de como essas estruturas operam socialmente e estão ligadas com as tecnologias, onde os sistemas que reconhecem, classificam ou geram imagens de corpos também performam gênero, reiterando normas historicamente impostas e estereótipos. Butler, em *Problemas de Gênero* (1990), afirma gênero como uma construção performativa reiterada socialmente, não sendo uma essência natural. A autora afirma que “o gênero é a estilização repetida do corpo” (Butler, 1990, p. 45), o que permite compreender que as definições e compreensões acerca de gênero são produzidas por práticas discursivas, culturais e institucionalizadas, com intenções próprias de controle e, automaticamente, de exclusão, silenciamento e violência.

A tecnologia se encontra com corpos, passando por gênero e contribuindo para o debate desses eixos teóricos, em *Manifesto Ciborgue* (2020), de Donna Haraway, onde a autora propõe o ciborgue como uma figura política e que carrega consigo metáforas que possibilitam o rompimento de dualismos binários que estruturam toda a sociedade e a modernidade ocidental. Nas palavras da autora, “o ciborgue é uma criatura de realidade social e também de ficção” (Haraway, 2000, p. 40). Essa imagética do ciborgue traz à tona a subjetividade híbrida, fragmentada e resistente às categorias intrínsecas de identidade. Partindo de reflexões da autora, as tecnologias podem e devem ser apropriadas de maneira política e feminista, ampliando formas de existência e subvertendo as normatividades patriarcais e coloniais, que podemos observar nos trabalhos de Mayara Ferrão.

A perspectiva de Haraway dialoga diretamente com Yuk Hui (2020), sobretudo dentro do conceito de tecnodiversidade. O autor traz em suas reflexões um debate sobre a pluralidade dentro das formas de desenvolver relações entre técnica, cultura e conhecimento. Sobre o conceito de tecnodiversidade, o autor afirma que é “uma condição para a continuidade da humanidade” (Hui, 2020, p. 17). A reflexão de Hui

acende os debates sobre a necessidade de pensar criticamente os sistemas de Inteligência artificial contemporâneos, desenvolvidos a partir de epistemologias eurocentradas e padrões normativos. Ao propor novas perspectivas e cosmologias tecnológicas plurais, o autor possibilita pensar e expandir os algoritmos de formas menos homogêneas, e sim, sendo ferramentas que possibilitam criações sensíveis às diferenças culturais, sociais e históricas.

Dentro do debate crítico à Inteligência Artificial é possível encontrar contribuições das autoras Ruha Benjamin (2019), Safiya Noble (2018) e Kate Crawford (2021).

Em *Race After Technology*, Benjamin evidencia como as tecnologias automatizadas reproduzem o racismo estrutural. A autora afirma que “a objetividade codificada pode mascarar discriminação” (Benjamin, 2019, p. 8). Sua análise evidencia que algoritmos não eliminam preconceitos sociais, mas frequentemente os intensificam.

Safiya Noble (2018), por sua vez, investiga como mecanismos de busca reproduzem misoginia e racismo, especialmente na representação de mulheres negras. Em *Algorithms of Oppression*, a autora argumenta que “os resultados de busca refletem e reforçam valores sociais problemáticos” (Noble, 2018, p. 1). Sua contribuição é essencial para compreender como sistemas digitais produzem regimes de visibilidade racializados e sexualizados, afetando diretamente a construção imagética dos corpos femininos.

Kate Crawford (2021), em *Atlas of AI*, torna evidente a importância desse debate crítico ao analisar as bases que estruturam a Inteligência Artificial. Segundo a autora, os sistemas de IA são sustentados por exploração de trabalho, extração de recursos naturais e controle de dados. Crawford afirma que “a inteligência artificial é simultaneamente uma tecnologia de extração e discriminação” (Crawford, 2021, p. 8). A percepção da autora é um ponto muito importante para os debates atuais, pois ela analisa e coloca em evidência a Inteligência Artificial como um sistema político, econômico e ideológico.

Relacionando com o artigo é importante ressaltar a importância do uso da Inteligência Artificial de forma responsável, ética e como uma ferramenta de subversão, assim, conseguindo utilizar um sistema predestinado a reforçar toda as exclusões históricas, para que de forma sensível e artística isso subverta e revele a

reconstrução de memórias coletivas, as possibilidades de um presente que olha com afeto para reescrever um futuro. Conforme defende Sarzi-Ribeiro:

No caso dos modelos de geração de imagens, as bases imagéticas são as mesmas que perpetuam padrões e cânones de beleza, por exemplo, e, sobretudo na cultura ocidental, imagens estruturadas por uma estética responsável por dar visibilidade à arte de homens brancos, heterossexuais e europeus ou de culturas e países do Norte geográfico do planeta. Nesse contexto, os artistas e também os processos criativos envolvendo IA têm um papel determinante, já que podem criar obras e imagens que subvertem essa estrutura hegemônica, “ensinando” os algoritmos sobre diversidade. [...] que promovam a diversidade, a equidade e discussões sobre ética e racismo (Sarzi-Ribeiro, 2024, p.39).

Dentro dos eixos que possibilitam a melhor compreensão dessas dinâmicas é fundamental abranger os estudos de mídia e tecnologia, principalmente dentro da perspectiva das transformações que os meios digitais introduzem socialmente. Em *The Language of New Media*, Lev Manovich (2001) propõe que as novas mídias têm princípios em suas estruturas que são específicos. O autor cita como exemplo a modularidade, automação, variabilidade e transcodificação. Segundo o autor, “a lógica do computador influencia significativamente a lógica cultural das mídias” (Manovich, 2001, p. 46). Essa afirmação pode se relacionar com a compreensão de como as imagens produzidas pela Inteligência Artificial não são apenas representações visuais, mas resultados de sistemas digitais que operam através de banco de dados, classificações e modelos estatísticos feito por pessoas brancas e que nitidamente reforçam toda a narrativa hegemônica. Assim, em sua maioria é possível perceber que as imagens, os corpos produzidos ou interpretados por inteligências artificiais carregam marcas culturais ideológicas presentes nos bancos de dados de onde esses sistemas se alimentam.

Ainda dentro dos debates em mídia e tecnologia, as perspectivas de Manovich também dialogam com Marshall McLuhan (1964), para quem “o meio é a mensagem” (McLuhan, 1964, p. 7). O autor defende que os meios tecnológicos não apenas transmitem conteúdos, mas reorganizam percepções, sensibilidades e formas de organização social. As tecnologias de Inteligência Artificial alteram as relações entre os corpos, as imagens e a subjetividade. Os algoritmos e as visualidades resultantes dessas tecnologias digitais desempenham um papel central na produção de identidades, narrativas e legitimação de padrões normativos.

É importante reconhecer que as tecnologias digitais, aqui especialmente a Inteligência Artificial generativa, não são dispositivos inerentes e neutros, e sim, operam como dispositivos de poder que categorizam, organizam visibilidades e subjetividades. Pensar os corpos tidos como corpos abjetos, em referência à Butler, corpos marcados pela violência, e exclusão, em relação a como são articulados nesses sistemas algorítmicos, implica revelar essas estruturas desiguais de gênero, raça e classe e como são reproduzidas e legitimadas. Ao mesmo tempo é possível, através dessas reflexões, entender a importância e o brilhantismo do trabalho de Mayara Ferrão, que se apropria desse sistema e possibilita a emergência de novas narrativas, identidades e formas de resistência. As obras disputam os próprios regimes de produção da imagem e da subjetividade na cultura digital contemporânea.

Mayara Ferrão e a criação de narrativas de afeto e subversão

Mayara Ferrão nasceu em Salvador, em 1993, é artista visual formada pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. A artista incorpora em sua poética diferentes tecnologia de imagem e linguagens: fotografia, ilustração, vídeo. Em seus trabalhos mais recentes utiliza-se da inteligência artificial generativa para a criação de imagens que compartilham e recriam narrativas de corpos negros, originários e dissidentes.

a minha pesquisa com inteligência artificial tem uma importância política. Quando eu construo fotografias e documentos retratando mulheres negras e originárias expressando seus afetos em um contexto histórico colonial, eu tô tensionando uma narrativa de opressão, de silêncios, de violência, lacunas, e invisibilização que está escancarada nos arquivos fotográficos coloniais do Brasil (Ferrão, 2024, n. p.)

No contexto dessa pesquisa e na atualidade, sua produção tem merecido destaque por utilizar a Inteligência Artificial generativa e colocá-la em contradição. Por um lado, a tecnologia que escancara e reproduz estruturas hegemônicas presentes nos dados que alimentam os sistemas algorítmicos, reforçando todo um histórico de estereótipos e colonialidade. Por outro, é por meio de imagens criadas com ela que é possível convidar para contemplação cenas inéditas de experimentação estética, imaginários de ternura e construção de uma memória possível, coletiva, pulsante e

bonita. É precisamente nessa tensão que o trabalho de Mayara Ferrão surge e elucida outras perspectivas de uso das tecnologias.

No lugar dos silêncios e de uma construção imagética que escancara a inexistência, a desumanização que ainda assombra o presente, Mayara Ferrão reconfigura, instiga e, dentro dessa contradição, traz o afeto como elemento central para os corpos negros. Na subjetividade da intimidade, mulheres aparecem envoltas de amor, de afetividade e carinho. As imagens têm acalento, tem o descanso que o amor pode ser.

Dentro de sua pesquisa por meio de acervos históricos da escravidão, a artista manipula essas imagens já existentes com ferramentas de inteligência artificial generativa e a partir disso reconstrói narrativas, que carregam em sua estética semelhanças muito intensas e nos transportam para relações possíveis, que foram marcadas por um passado de violência e apagamentos.

Figura 1. Mayara Ferrão - Série Álbum dos Desequecimentos
2024, ink on 100% Algodão Hahnemühle Photo Pearl 310g paper, 13,5 x 9 cm



Fonte: <https://www.vervegaleria.com/artistas/mayara-ferrao/>

As imagens trazem aberturas de novos caminhos, de memórias que tornam possível delinear formas de existência, trazem a reimaginação para a ordem do sensível, a descolonização das estruturas que silenciaram e definiram os destinos dessas mulheres.

Ao dar forma a essas perspectivas Mayara resiste à colonização e ao apagamento proposto. A intenção não é preencher as lacunas, mas reconfigurar frestas que resistem ao apagamento, silenciamento e tornar visível e possível memórias dissidentes. As imagens se aproximam de escritos de pensadoras do feminismo negro, como Grada Kilomba que afirma que é fundamental romper silêncios e produzir contranarrativas que abalem os registros oficiais.

Eu escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha realidade. [...] Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Fanon

“para trazer à tona uma oportunidade de produção alternativa de conhecimento emancipatório”. (Kilomba, 2010, p.32).

Ao falar dos corpos e da colonialidade, é importante entender que há impactos que permeiam e atravessam simultaneamente os eixos trazidos até agora. Kilomba, que se apoia nos textos de Essed (1991) e hooks (1989), afirma que há um impacto simultâneo da opressão de raça, classe e gênero, uma vez que "o racismo, por exemplo, não funciona como uma ideologia e estrutura distintas; ele interage com outras ideologias e estruturas de dominação como o sexismo" (Kilomba, 2010, p.57). Mayara Ferrão recria memórias e dentro de seu trabalho tais memórias se tornam coletivas, compõem um imaginário marcado pelas feridas da exclusão.

Além do mais é preciso compreender como opera o trauma do racismo. Kilomba afirma que na etimologia grega, trauma significa uma “ferida” ou uma “lesão”, e cita Freud como o pensador que elaborou uma teoria do esquecimento do trauma (Kilomba, 2010, p. 132)

Nesse contexto, ainda é Kilomba (2010) que relaciona os escritos de Fanon (1967) e Bouson (2000) para ressaltar a existência de uma contínua ferida colonial, que revive e traz à tona a cada momento o trauma do racismo, da escravidão, tal qual uma teoria da reminiscência. Considerando que a supremacia branca constantemente remete a práticas de violência e opressão, cabe recordar sempre desses cenários, sendo uma questão de memória para entender como o trauma persiste na psique dos sujeitos.

A artista Mayara Ferrão dentro desse conceito de trauma, causado pelas feridas coloniais contínuas e que reverberam até os dias de hoje, contribui para criação de outras perspectivas e o faz usando as tecnologias de inteligência artificial generativa. A IA generativa usada de forma subversiva é explorada na contramão daquilo que ela pode oferecer ou foi programada e permite criar outras perspectivas e narrativas de amor, afeto, intimidade para essas vidas ancestrais. As mulheres, os corpos, se relacionam entre si, na subjetividade da humanização, entre a força e a vulnerabilidade que o amor transparece.

Figura 2. Mayara Ferrão - Série Álbum dos Desequecimentos. 2024, ink on 100% Alpha-Cellulose Hahnemühle



Fonte: <https://www.vervegaleria.com/artistas/mayara-ferrao/>

Como a própria artista define seu processo:

(...) encarei o impasse e dobrei a curva. Permaneci no conflito e o transformei em linguagem. Fiz a máquina tropeçar no afeto, e agora estou fazendo o mesmo com o mundo (...) (Ferrão, 2026)

O trabalho da artista desde seu processo criativo, que resgata os arquivos coloniais e a estética dessas imagens, associadas ao sofrimento, ao apagamento, transforma novos horizontes em possibilidades. O trabalho apresenta visualmente o encontro do passado com um presente, o olhar de memórias de um passado, ressignificado no presente, o afeto entre mulheres e os desejos para o amanhã. É uma ação de cura de feridas históricas mencionadas anteriormente, transformando o apagamento em futuros possíveis.

Referências

- Benjamin, R. (2019). *Race after technology: Abolitionist tools for the new Jim code*. Polity Press.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: On the discursive limits of "sex"*. Routledge.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.
- Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), 99–127.
- Crawford, K. (2021). *Atlas of AI: Power, politics, and the planetary costs of artificial intelligence*. Yale University Press.
- Du Bois, W. E. B. (2021). *As almas do povo negro*. Veneta.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA.
- Foucault, M. (1971). *A ordem do discurso*. Loyola.
- Foucault, M. (1975). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Vozes.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo negro latino-americano*. Zahar.
- Guha, R. (2002). *History at the limit of world-history*. Columbia University Press.
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação*. PUC-Rio; Apicuri.
- Haraway, D. J. (2000). Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In D. J. Haraway, H. Kunzru, & T. Tadeu (Orgs. e Trads.), *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano* (pp. 33–118). Autêntica Editora.
- hooks, b. (2021). *Olhares negros: Raça e representação*. Elefante. (Nota: Mantém-se o nome da autora em letras minúsculas conforme sua escolha e preferência de estilização identitária).
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Kristeva, J. (1982). *Powers of horror: An essay on abjection*. Columbia University Press.
- Manovich, L. (2011). Visualização de informação: Dos primitivos gráficos à visualização direta. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 8(1), 146–172.

- McLuhan, M. (1964). *Understanding media: The extensions of man*. McGraw-Hill.
- Noble, S. U. (2018). *Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism*. New York University Press.
- Palermo, Z. (2006). Inscripción de la crítica de género en procesos de descolonización. In Z. Palermo (Coord.), *Cuerpo(s) de mujer: Representación simbólica y crítica cultural* (pp. 237–265). Universidad Nacional de Salta–Ferreya Editor.
- Sarzi-Ribeiro, R. (2024). IA: Fronteiras e atravessamentos éticos na criação artística. *SESC Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, Dossiê Inteligência Artificial em Processos Criativos.
https://www.sescsp.org.br/wp-content/uploads/2024/10/CPF18_dossie2.pdf
- Sarzi-Ribeiro, R. A., & Bressanin, M. (2023). Inteligência artificial, arte e tecnologia: Visualidades, audiovisualidades e sonoridades. In J. P. Albino & V. C. P. N. Valente (Orgs.), *Inteligência artificial e suas aplicações interdisciplinares* (pp. 157–177). E-Publicar.
<https://doi.org/10.47402/ed.ep.c2023210310201>
- Schwarzc, L. M. (2024). *Imagens da branquitude*. Companhia das Letras.